

Metapsicologia freudiana e ciência cognitiva os riscos da Interdisciplinaridade

Carmen Beatriz Milidoni

Como citar: MILIDONI, C. B. Metapsicologia freudiana e ciência cognitiva os riscos da Interdisciplinaridade. *In*: GONZALEZ, M. E. Q.; DEL-MASSO, M. C. S.; PIQUEIRA, J. R. C. (org.). **Encontro com as Ciências Cognitivas - volume 3**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001. p. 3-12.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-86738-19-0.p3-12>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

METAPSIKOLOGIA FREUDIANA E CIÊNCIA COGNITIVA: OS RISCOS DA INTERDISCIPLINARIDADE

Carmen Beatriz MILIDONI¹

Nossa exposição tem um alcance bem circunscrito: pretendemos comentar e questionar algumas das idéias desenvolvidas por Patrícia Kitcher em sua obra *Freud's dream: a complete interdisciplinary science of mind*. Segundo entende a autora, a Metapsicologia freudiana teria pretendido alicerçar uma ciência da mente numa base interdisciplinar, sendo que um propósito semelhante nortearia os esforços da Ciência Cognitiva. Argumenta Kitcher, em primeiro lugar, a favor da hipótese de Freud ter sido o primeiro cientista cognitivo interdisciplinar, mostrando como o interesse interdisciplinar guiou a construção de sua teoria, principalmente na perspectiva da Metapsicologia. Todavia, ela terminará concluindo que aqueles que foram precisamente os grandes fatores de sucesso da Psicanálise, quais sejam, seu caráter sistemático e seu enraizamento nas ciências biológicas e físicas explicariam, à maneira de um *boomerang*, o espetacular fracasso daquela ciência nas últimas décadas deste século, pelo menos no contexto da comunidade científica norte-americana. O aludido enraizamento deve ser entendido tendo-se em conta as relações de dependência ontológica da Psicanálise com relação às Ciências Biológicas (Anatomia e Fisiologia do cérebro; Biologia evolucionária), o que teria a ver com o *materialismo* sustentado por Freud em termos da relação mente/cérebro. Mas também o dito enraizamento deve ser entendido tendo-se em consideração as relações de dependência epistemológica (de *constraint* e orientação) entre as mesmas disciplinas.

A interpretação que Kitcher faz da Metapsicologia freudiana é bastante interessante e ponderada. Partamos da conceituação padrão que Freud apresenta no artigo metapsicológico de 1915 *O inconsciente*:

Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação *metapsicológica*. (FREUD, 1994c, v. 14, p. 178)

Kitcher caracteriza o ponto de vista dinâmico como o pólo qualitativo das explicações psicanalíticas. Neste sentido, o objetivo destas últimas seria poder apreender as motivações comportamentais *inconscientes*,

¹ Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília. E-mail: milidoni@marilia.unesp.br

o que incluiria *idéias e forças* que atuam sobre essas idéias, sendo que tais forças derivariam das pulsões (Triebe) (KITCHER, 1996, p. 45-46).

A dimensão topográfica contemplaria a divisão da mente em unidades funcionais e evolucionárias, que adotariam a forma de sistemas ou instâncias enquanto componentes de um *aparelho psíquico*. (Kitcher, 1996, p. 49-50).

Já o ponto de vista econômico fora caracterizado inequivocamente por Freud nos seguintes termos: “Este se esforça por perseguir os destinos de quantidades de excitação e por chegar pelo menos a uma estimativa *relativa* de sua magnitude”. (FREUD, 1994c, v. 14, p. 178).

A partir destas colocações podemos inferir, com meridiana clareza, que a Metapsicologia seria para Freud, pelo menos numa perspectiva metodológica, um “*approach*” ou um conjunto de *diretrizes metateóricas* para a construção da Psicanálise, para usar uma expressão da própria Kitcher (1996, p. 43).

É bem verdade, adverte todavia essa autora, que Freud usou algumas vezes o adjetivo “metapsicológicas” para se referir a um conjunto de *doutrinas* que fariam parte de uma “superestrutura especulativa da psicanálise”, doutrinas essas que poderiam ser abandonadas ou modificadas sem que isso implicasse em uma perda substancial para essa ciência (KITCHER, 1996, p. 42-44).

Temos em mente aqui, sobretudo, as sucessivas teorias do aparelho psíquico e das pulsões que Freud elaborara ao longo de sua obra.

Acontece que grande parte dos estudiosos de Freud privilegiou essa parte doutrinária da Metapsicologia, dando ênfase no seu teor especulativo e duvidando, às vezes, por tal motivo, de que essas doutrinas pudessem servir de fundamento adequado para a ciência psicanalítica (que, no limite, estaria configurada, sobretudo para autores como Grünbaum, por hipóteses diretamente sugeridas pela prática clínica, hipóteses essas cuja potência explicativa não estaria apoiada sobre bases sólidas, já que não seria possível descartar o fator de aleatoriedade ou de sugestão nas curas aparentemente bem sucedidas que teriam como aval essas explicações).

Kitcher chama essa maneira parcial e distorcida, ao seu ver, de interpretar o estatuto da Metapsicologia de “*versão oficial*”, já que a mesma conta entre seus adeptos epistemólogos da Psicanálise tão díspares e importantes quanto Laplanche, Pontalis, Klein, Grünbaum ou Sulloway (KITCHER, 1996, p. 40-43).

Além do mais, a maioria desses autores (nomeadamente os três últimos mencionadas acima) identificaria a Metapsicologia com um

conjunto de hipóteses inspiradas na ciência natural do século XIX, hipóteses essas que carregariam ao mesmo tempo as desvantagens de sua feição especulativa e do caráter datado (e, portanto, sujeito ao anacronismo) de sua base científica.

De todas as maneiras, e recordando aqui o famoso primeiro parágrafo de *Pulsões e seu destino* (FREUD, 1994b, v. 14, p. 113) em que Freud explicita seus pressupostos epistemológicos, poderíamos afirmar que tanto para Freud como para Kitcher a “especulação” psicanalítica não seria inteiramente ficcional (ou transcendental) porque sujeita aos controles que o material empírico (no caso, a base clínica) imporá a essa especulação.

No que tange à Metapsicologia como uma perspectiva metodológica é interessante ressaltar, por outro lado, que dos três pontos de vista que a constituem é o ponto de vista econômico que se articulária, segundo Kitcher, de maneira mais óbvia com a metodologia própria das ciências da natureza, as ciências propriamente ditas, segundo Freud. Com efeito, as genuínas explicações psicanalíticas devem considerar de que maneira as descrições qualitativas de processos psicológicos estão ligadas a processos quantitativos subjacentes (KITCHER, 1996, p. 53). E essa foi uma exigência (e uma ambição) da qual Freud jamais abriu mão durante toda sua vida.

Concordando em parte com Klein, Kitcher resumirá sua interpretação da Metapsicologia nos seguintes termos:

A Metapsicologia refletiu a concepção de Freud de como se constrói uma ciência da mente, e isto implica relacionar a psicologia ao menos à fisiologia e à biologia evolucionária. (KITCHER, 1996, p. 40)

É preciso considerar, todavia, que a abordagem interdisciplinar não está isenta de riscos.

Assim, veremos Kitcher questionar como alguns desenvolvimentos ulteriores à Neurobiologia em que Freud se baseara teriam contestado um dos principais pressupostos de *background* da Metapsicologia freudiana, isto é, o caráter essencialmente reflexo da atividade neuronal. À luz desses ulteriores desenvolvimentos, teria caído aquele que é o princípio regulador da vida psíquica para Freud, qual seja, o “princípio de prazer”. A formulação acabada desse princípio é colocada na página inicial de *Além do princípio de prazer* (1920) nos seguintes termos:

Na teoria da Psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos processos anímicos está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses processos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão

desprazerosa e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer. (FREUD, 1994d, v.18, p.7)

Esta formulação implica na entrada em jogo do ponto de vista econômico, em termos metapsicológicos. Com efeito, na mesma obra, Freud correlacionará o desprazer com um *aumento* na quantidade de excitação, e o prazer, com uma *diminuição*.

Kitcher pretende usar o exemplo do *fracasso* do princípio de prazer para revelar potenciais perigos no trabalho interdisciplinar corrente em Ciência Cognitiva. Tentaremos mostrar, em primeiro lugar, que a crítica da autora com relação ao “destronamento” do princípio de prazer padece de alguns erros de compreensão da teoria psicanalítica, e que sua argumentação neste sentido não é impecável do ponto de vista lógico.

Vejamos primeiramente o panorama geral traçado por Kitcher no que respeita às relações entre Psicanálise e Fisiologia (KITCHER, 1996, p.154).

A Psicanálise teria se ancorado na Fisiologia através de umas poucas e simples pressuposições:

- 1 Devido quiçá a sua inerente irritabilidade a matéria neuronal funcionava de maneira reflexa.
- 2 Quando a energia penetrava na matéria neural, o sistema nervoso reagia tentando descarregá-la, seja imediatamente, ou depois de um necessário deferimento.
- 3 A descarga de energia produzia prazer, a retenção do excesso de energia, dor (aqui devemos corrigir: *desprazer*).
- 4 Conjuntamente com a estimulação externa através de receptores sensoriais o sistema nervoso recebia energia de fontes endógenas.
- 5 Em particular, as fontes somáticas da energia sexual liberavam algo, presumivelmente uma especial substância química no interior do sistema, que produzia um derramamento de energia no mecanismo neural.
- 6 As fontes de energia sexual só deixariam de agir quando as necessidades sexuais fossem preenchidas; caso contrário, o sistema neural ficaria sob tensão devido ao excesso de energia vazando nele.

Segundo Kitcher (1996, p. 154), várias dessas pressuposições eram bastante razoáveis no tempo em que foram adotadas; assim:

- Muitos acreditavam que a matéria neural era reflexa e que recebia estimulação endógena;

- Darwin tinha apoiado o senso comum ao assumir a existência de instintos sexuais;

Sem embargo, adverte Kitcher:

- A relação entre descarga e prazer e sobrecarga e desprazer, de alguma maneira baseada no princípio de estabilidade de Fechner, foi *especulativa* e a maneira de Freud integrar essas idéias foi somente uma hipótese.

Em consonância com isto, seria necessário relativizar a seguinte hipótese freudiana:

- As necessidades sexuais se traduzem em sinais químicos que são enviados ao cérebro, o que é seguido pela sobrecarga do sistema, produzindo desprazer.

É bem verdade, reconhece Kitcher, que esta hipótese era compatível com razoáveis *pressuposições fisiológicas* e ela forjou uma interessante ligação entre elas e aparentes descobertas *clínicas* relacionando sexo e neurose; mas isto precisava de **corroboração independente**. Kitcher argüirá que da maneira em que a Fisiologia se desenvolveu, essa essencial corroboração não conseguiu se materializar.

A autora começará sua crítica do embasamento da Psicanálise na Biologia colocando a que seria, no seu entender, a *hipótese-chave* para a Psicanálise, e que ela divide em duas metades: primeira, as fontes somáticas das pulsões sexuais exercem pressão no sistema nervoso, inundando-o com energia; segunda, essa energia pode às vezes encontrar uma descarga reflexa de maneira inadequada ou despistante (fundamentalmente nas neuroses e nos sonhos). Mas, nem Freud nem seus seguidores teriam encontrado qualquer evidência direta para tal hipótese; por outro lado, avanços em Endocrinologia e Neurofisiologia tornaram ambas metades da hipótese consideravelmente pouco plausíveis (KITCHER, 1996, p. 156).

Consideremos a crítica empreendida contra a segunda metade da hipótese, sendo o ponto de partida os *reflexos neurais* (KITCHER, 1996, p. 156-159).

Sustenta Kitcher que subseqüentes descobertas em Neurofisiologia revelaram que o princípio de prazer repousava sobre uma descrição errada da atividade neural. Por volta dos anos 30 começou a ser evidente que a célula nervosa não era fisiologicamente inerte, que a mesma não precisava de ser excitada do exterior para fins de descarga (HEBB, 1982). Esta descoberta teria minado, para Kitcher, as bases da Psicanálise, e pelas seguintes razões:

- 1 Se o sistema nervoso não é impulsionado por energia suprida por fontes externas ao mesmo, então não há nenhuma razão para acreditar que

desprazerosa e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer. (FREUD, 1994d, v.18, p.7)

Esta formulação implica na entrada em jogo do ponto de vista econômico, em termos metapsicológicos. Com efeito, na mesma obra, Freud correlacionará o desprazer com um *aumento* na quantidade de excitação, e o prazer, com uma *diminuição*.

Kitcher pretende usar o exemplo do *fracasso* do princípio de prazer para revelar potenciais perigos no trabalho interdisciplinar corrente em Ciência Cognitiva. Tentaremos mostrar, em primeiro lugar, que a crítica da autora com relação ao “destronamento” do princípio de prazer padece de alguns erros de compreensão da teoria psicanalítica, e que sua argumentação neste sentido não é impecável do ponto de vista lógico.

Vejamos primeiramente o panorama geral traçado por Kitcher no que respeita às relações entre Psicanálise e Fisiologia (KITCHER, 1996, p.154).

A Psicanálise teria se ancorado na Fisiologia através de umas poucas e simples pressuposições:

- 1 Devido quiçá a sua inerente irritabilidade a matéria neuronal funcionava de maneira reflexa.
- 2 Quando a energia penetrava na matéria neural, o sistema nervoso reagia tentando descarregá-la, seja imediatamente, ou depois de um necessário deferimento.
- 3 A descarga de energia produzia prazer, a retenção do excesso de energia, dor (aqui devemos corrigir: *desprazer*).
- 4 Conjuntamente com a estimulação externa através de receptores sensoriais o sistema nervoso recebia energia de fontes endógenas.
- 5 Em particular, as fontes somáticas da energia sexual liberavam algo, presumivelmente uma especial substância química no interior do sistema, que produzia um derramamento de energia no mecanismo neural.
- 6 As fontes de energia sexual só deixariam de agir quando as necessidades sexuais fossem preenchidas; caso contrário, o sistema neural ficaria sob tensão devido ao excesso de energia vazando nele.

Segundo Kitcher (1996, p. 154), várias dessas pressuposições eram bastante razoáveis no tempo em que foram adotadas; assim:

- Muitos acreditavam que a matéria neural era reflexa e que recebia estimulação endógena;

Antes de projetar este exemplo no campo da Ciência Cognitiva, vamos pontualizar algumas objeções às críticas formuladas acima por Kitcher no que tange ao *colapso* do princípio de prazer.

Primeiramente, sublinharemos que esse “colapso” não se depreende logicamente das teorias que consideram os neurônios como auto-ativos. O fato de se considerar os neurônios como auto-ativos não implica:

- 1 Que o sistema nervoso não receba também energia de fontes externas ao mesmo.
- 2 Que o sistema nervoso não se esforce para descarregar energia quando o seu montante é excessivo.
- 3 Que a descarga não seja sentida como prazerosa.

Já na ordem meramente conceitual, podemos dizer, apoiando-nos na obra freudiana *Projeto de uma psicologia* (1895) que o movimento neuronal reflexo não é fundamento para o princípio de prazer; tal movimento é a maneira em que o princípio de inércia neurônica, ou melhor, o seu equivalente em termos psicológicos, a “tendência a evitar o desprazer”, que fora fruto de uma descoberta clínica, se modeliza ou se naturaliza. Freud é taxativo: o princípio de inércia não está calcado no arco reflexo; pelo contrário, “é o princípio que dá o motivo para o movimento reflexo” (FREUD, 1950, p. 306; 1995, p. 10). Haveria aqui subentendida uma colaboração interdisciplinar de dupla mão. A própria Kitcher reconhece que no *Projeto...* Freud apresentou a Psicopatologia como informando à Fisiologia sobre a sobrecarga de Q (quantidade de excitação) (KITCHER, 1996, p. 58). E também reconhece que são postuladas, tanto no *Projeto...* como no *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]) relações dinâmicas de inter-dependência entre Neurofisiologia, Psicopatologia e Psicanálise (p. 60). Mas isto não implica, naturalmente, poderíamos acrescentar, que não haja necessidade de corroborações independentes nas ciências em ligação, ou que os respectivos cientistas não devam estar atualizados com relação aos avanços das disciplinas vizinhas. Assim, concedemos que se Freud tivesse enxergado os neurônios como auto-ativos poderia talvez ter modificado partes de sua teoria, mas ela não teria sido, por esse motivo, necessariamente falsificada, como sustenta Kitcher.

Entretanto, já no campo da Ciência Cognitiva, Kitcher confrontará a posição cautelosa dos pais dos modelos PDP no conexionismo, isto é, Rumelhart e McClelland, e também de Smolensky, com os audaciosos pontos de vista de filósofos como Stich e Paul Churchland. Para os primeiros, o único ponto que é certo é que os modelos PDP descrevem a microestrutura dos processos de pensamento e que os mesmos se mostraram adequados

no domínio da percepção e da memória. Mas esses modelos não seriam aplicados a processos cognitivos de nível superior através de uma implementação individual de uma rede processando em paralelo. Em contraste com este ponto de vista Stich e Churchland mostram-se confiantes quanto à possibilidade de modelização de processos mentais complexos pelos tipos de redes conexionistas atualmente disponíveis (KITCHER, 1996, p. 159-161).

Não temos outra opção senão acatar como razoáveis as advertências de Kitcher quanto ao exagerado entusiasmo do uso de hipóteses pontuais de fundo neurológico para explicar o funcionamento da mente humana, tanto por parte de Freud quanto por parte de alguns adeptos do conexionismo. Isto porque, em ambos os casos, pensamos nós, haveria um procedimento teórico-metodológico que poderia ser fonte de potenciais fracassos e que consistiria em extrapolar hipóteses (ou ainda descobertas que gozam de um certo sucesso) da ordem do micro-estrutural para a ordem dos sistemas complexos, como é o caso da mente humana como um todo. De todas as maneiras, poderíamos responder às sombrias conclusões de Kitcher quanto ao colapso da Psicanálise diante das novas descobertas em disciplinas-chave para sua sustentação citando o epígrafe com que Freud encabeça o começo de sua *História do movimento psicanalítico*: “*Fluctuat nec mergitur*” (Balança, mas não afunda) (FREUD, 1994, v. 14, p. 1).

Referências

- ALEXANDER, F. *Fundamentals of psychoanalysis*. New York: W.W Norton, (1948) 1963.
- BIDDER, R. M.; LEFEUER, F. F. (Ed.) Neuroscience of mind on the Centennial of Freud's Project for a Scientific Psychology. *Annals of the New York Academy of Sciences*, New York, v. 843, 1998.
- BUCCI, W. *Psychoanalysis & cognitive science: a multiple code theory*. New York: The Guilford Press, 1997.
- CHURCHLAND, P. M. *A neurocomputational perspective: the nature of mind and the structure of science*. Cambridge: MIT Press, 1989.
- DUPUY, J. P. *Nas origens das ciências cognitivas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. da Unesp, 1995.
- FREUD, S. *Entwurf einer psychologie*. In: _____. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. London: Imago, (1895) 1950.
- _____. Projeto de uma psicologia. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Imago, (1895) 1995. (Obras isoladas de Freud).
- _____. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico*. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, (1914) 1994a. v.14. (Obras completas – Sigmund Freud).

- FREUD, S. Pulsiones y destinos de pulsión. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, (1915) 1994b. v. 14. (Obras completas – Sigmund Freud).
- _____. Lo inconsciente. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, (1915) 1994c. v.14. (Obras completas – Sigmund Freud).
- _____. *Más allá del principio de placer*. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, (1920) 1994d. v. 18. (Obras completas – Sigmund Freud).
- _____. *Esquema del psicoanálisis*. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, (1940 [1938]) 1994e. v. 23. (Obras completas – Sigmund Freud).
- HEBB, D. O. *Drives and the C. N. S* (Conceptual Nervous System). Reprinted. In: BUCHTEL, H. A. (Ed.) *The conceptual nervous system*. New York: Pergamon Press, 1982.
- JONES, E. *The life and work of Sigmund Freud*. New York: Basic Books, 1961.
- KITCHER, P. *Freud's dream: a complete interdisciplinary science of mind*. Massachusetts: MIT Press, 1996.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen, São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- RUMELHART, D. E.; McCLELLAND. *Parallel distributed processing*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1986. v.1
- SHERRINGTON, C. S. *The integrative action of the nervous system*. New Haven: Yale University Press, 1906.
- SMOLENSKY, P. On the proper treatment of connectionism. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 11, p. 1-23, 1988.
- STICH, S. P. From connectionism to eliminativism. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 11, p. 53-54, 1988.
- SULLOWAY, F. *Freud: biologist of the mind*. New York: Basic Books, 1979.
- WOLLHEIM, R. *Freud*. London: Fontana, 1971.